

Educando para o empreendedorismo

Stephen R. C. Hicks

Departamento de Filosofia e Centro para a Ética e Empreendedorismo

Rockford University

Rockford, Illinois, USA

Introdução - visita de japoneses às escolas americanas

Recentemente, um grupo de pesquisadores japoneses visitou os Estados Unidos para analisar seu sistema de ensino. O Japão é uma nação bem sucedida – próspera e dinâmica em diversas áreas. Contudo, os pesquisadores tinham uma pergunta: *por que o Japão possui tão poucos inovadores?*

Eles analisaram os Estados Unidos com seus diversos centros de inovação: a tecnologia do Vale do Silício, os filmes de Hollywood, o setor financeiro de Nova Iorque, os teatros da Broadway, entre outros. No mundo dos negócios, observaram muitos empreendedores, tais como Steve Jobs, Bill Gates, Andy Grove e Mark Zuckerberg.

Depois disso, uma nova pergunta: *o que as escolas americanas estão fazendo para gerar tantos empreendedores criativos e inovadores? Qual é o seu “ingrediente secreto”?*

A pergunta é relevante, já que vivemos numa era que, pela primeira vez na história, está levando o empreendedorismo a sério.

O mercado de trabalho empresarial é diferente no início do século XXI. O professor de administração Steven Rogers indica que: “nos anos 1960, 1 em cada 4 pessoas nos Estados Unidos trabalhava para uma empresa listada na Fortune 500. Hoje, somente 1 em cada 14 trabalha para esse tipo de empresa. O emprego nas empresas da Fortune 500 atingiu o pico de 16,5 milhões de pessoas em 1979 e tem diminuído acentuadamente desde então, para, aproximadamente, 10,5 milhões de pessoas atualmente” (Rogers 2002, p. 42). O mercado de trabalho passou por um processo de descentralização: de algumas grandes corporações para muitas pequenas empresas inovadoras.

Na literatura econômica, há uma transformação que os economistas Arnold Kling e Nick Schulz (2011) chamam de “Economia 2.0”. Por muitas gerações, no ensino das ciências econômicas, o empreendedor imprevisível e idiossincrático foi

ignorado ou menosprezado em prol de modelos abstratos e impessoais. Por outro lado, alguns pensadores, como Joseph Schumpeter (1950) e Israel Kirzner (1973) argumentaram sobre a importância do empreendedorismo, apesar de serem vozes isoladas na economia durante quase todo o século XX. Apenas nos últimos 20 anos é que o mainstream econômico está buscando reformular-se com base no empreendedorismo.

Na literatura sobre psicologia e ética, vemos um movimento focado na compreensão da importância do empreendedorismo como instrumento para uma vida próspera. Não somente na vida profissional, mas também na vida geral do indivíduo, mais psicólogos estão destacando a autonomia, a integridade de caráter e a exploração criativa como ingredientes positivos fundamentais para uma vida saudável (Seligman, 2012). Além disso, os filósofos morais estão progressivamente estabelecendo conexões entre os traços de caráter empresariais e as virtudes morais, de forma a tornar a carreira de um indivíduo parte integral de uma vida próspera (Hicks, 2009).

Então, nesse século marcado pelo empreendedorismo, a questão para nós, como educadores, é: como ajudar os estudantes a se prepararem para uma economia e uma vida empresariais?

Voltando à pergunta dos pesquisadores japoneses: ela é importante; todavia, fora de foco. O “ingrediente secreto” do empreendedorismo *não* está nas escolas. A maior parte das escolas formais é pública, e a maioria das escolas públicas não é boa no ensino do empreendedorismo. Algumas escolas em vizinhanças prósperas são sólidas, mas a maioria é fraca, algumas são ruins e muitas são terríveis.

Considere o fenômeno comum de crianças que começam a estudar quando completam cinco anos de idade: estão cheias de energia, curiosidade e expectativa. Contudo, depois de alguns anos, passam a não gostar ou até mesmo odiar a escola. Elas ficam entediadas. Elas não gostam de Ciências e nem mesmo de Artes. Se você perguntar a elas, como os pais fazem, “qual é a sua matéria favorita?”, elas dirão que é o almoço e o recreio, quando podem sair da sala e brincar ao ar livre. E, por muitas décadas, temos visto um declínio nas notas dos testes de competências básicas e um aumento no número de formandos com dificuldades na interpretação de textos, matemática, conhecimento científico e histórico, e assim por diante.

Ainda assim, os Estados Unidos produzem um grande número de indivíduos criativos. Como isso é possível?

Em minha opinião, o que a cultura americana faz bem o faz fora da escola. Na parte da tarde, os estudantes ocupam seu tempo com atividades extracurriculares tais como teatro e clubes de xadrez, esportes e grupos de debate (Petrelli, 2012). A cultura americana também é caracterizada por um grande envolvimento dos pais nas aulas de música, passeios a museus e galerias, ligas desportivas, acampamentos de verão e viagens. E, é claro, a cultura americana é próspera, o que significa que dispõe de riqueza suficiente para apoiar todas essas oportunidades informais de aprendizado.

O ensino da música nos Estados Unidos é um bom exemplo. Todo mundo ama música, e a cultura americana é muito criativa nesse sentido – bandas de rock, clubes de jazz, musicais da Broadway, orquestras sinfônicas e assim por diante. Contudo, essa atividade musical não se originou do ensino da música nas escolas. No geral, as crianças amam música; por outro lado, toleram e/ou não gostam das aulas de música das escolas. Quando é eletiva, a maioria dos estudantes escolhe não cursá-la. Em vez disso, aqueles que se tornam músicos ou que são amantes da música são inspirados pela cultura popular, aprendendo de seus amigos e familiares ou através de aulas particulares, pagas pelos seus pais.

Tudo isso aponta para o grande desafio inerente à reforma da educação formal. Atualmente, a educação formal é caracterizada por dois problemas: (1) desperdiça muito do tempo do estudante - com base nos relatos de desinteresse e tédio na escola; e (2) desperdiça recursos consideráveis para a formação de jovens adultos preparados para carreiras empreendedoras. Steve Jobs – que quando criança não gostava da escola e que abandonou a Universidade – talvez expresse melhor essa aspiração empresarial: “seu trabalho ocupa grande parte da sua vida, e a única forma de ser bem sucedido é fazer o que você acredita que é um bom trabalho. E a única forma de fazer um bom trabalho é amar o que você faz. Se você ainda não encontrou esse trabalho, continue procurando. Não desista. Como todas as outras questões afetivas, você sabe quando encontrará. E, como qualquer grande relacionamento, só tende a melhorar com o passar dos anos. Então, continue procurando. Não desista” (Jobs 2005).

Então, como podemos reorientar as escolas, de forma que auxiliem os estudantes a enfrentar esse grande desafio de vida? Um elemento deve ser a educação para o empreendedorismo.

O processo empresarial

Começemos por articular de forma clara a natureza do empreendedorismo. Considere o processo empresarial.

O processo empresarial começa com uma *ideia estruturada e criativa* de um novo produto ou serviço. O empreendedor é *ambicioso* e *corajoso*, ele toma a *iniciativa* na transformação de uma ideia em um novo empreendimento. Por meio da *perseverança* e da *tentativa e erro*, o empreendedor *produz* algo de valor. Ele tem um papel de *liderança* ao mostrar aos consumidores o valor do novo produto, e aos novos funcionários, como produzi-lo. O empreendedor *comercializa* com aqueles consumidores e funcionários buscando uma relação de *ganho mútuo*. Ele assim alcança o *sucesso* e então *aproveita* os frutos de sua conquista.

Vamos explicar cada um dos elementos em itálico dessa descrição:

Os empreendedores geram ideias de negócios e decidem quais delas valem a pena. No processo de descoberta de *ideias estruturadas e criativas*, os empreendedores falam de visão, “pensar fora da caixa”, imaginação, mente ativa, e “momentos de súbita inspiração”. Tendo gerado ideias, eles falam sobre exercitar o julgamento crítico: quais ideias são realmente boas? O produto ou serviço pode ser desenvolvido tecnicamente? Venderá bem? O que mostra a pesquisa de mercado? Os empreendedores exibem um comprometimento ao desenvolvimento cognitivo – entretenimento intelectual, pesquisa, experimentação e análise. Como um investidor de risco salienta: “o dinheiro não faz com que as ideias surjam. As ideias é que fazem o dinheiro surgir”.

Ambição é o impulso para alcançar seus objetivos, para ser bem sucedido, para melhorar a si mesmo, para prosperar, para ser o melhor de todos. Empreendedores fazem mais do que sonhar e alimentar desejos infundados – “não seria bom se eu fosse rico e independente?” – que muitas pessoas experimentam. Pessoas ambiciosas sentem profundamente a necessidade de alcançar seus objetivos.

O empreendedorismo requer *iniciativa*. Uma coisa é ter um bom plano de negócios; outra é transformar tal plano em realidade. Empreendedores são pioneiros que se comprometem a tornar suas boas ideias em realidade.

Um novo empreendimento envolve desbravar o desconhecido, superar obstáculos – incluindo a possibilidade de reprovação e zombaria– e encarar a possibilidade do fracasso. Consequentemente, a atividade empresarial requer *coragem* – assumir riscos calculados, estar atento a possíveis reveses, não deixando, todavia, que o medo do fracasso ou reprovação domine o seu processo decisório.

O sucesso empresarial nunca é fácil e instantâneo; o sucesso é o resultado do enfrentamento das dificuldades com vistas ao longo prazo. Em outras palavras, a *perseverança* é essencial. Os empreendedores devem perseverar através dos obstáculos técnicos inerentes ao processo de desenvolvimento do produto, diante dos pessimistas que declaram que não pode ser feito ou que são, por outro lado, obstrucionistas, em face de suas próprias dúvidas. Os empreendedores devem manter a disciplina no curto prazo, e a motivação de longo prazo, vivas no seu pensamento.

O processo de desenvolvimento é quase sempre um processo de *tentativa e erro*, o qual requer que o empreendedor faça ajustes com base na experiência. Empreendedores de sucesso ajustam-se ao *feedback* do mundo real, o que significa ser capaz de admitir erros e incorporar fatos novos, ao invés de ignorar teimosamente qualquer coisa que é uma ameaça às suas ideias.

Produtividade: espera-se sempre que o processo de desenvolvimento culmine em um produto que funciona. Nesse caso, o empreendedor adicionou valor ao mundo por meio da criação de um novo produto ou serviço, que funciona de forma consistente, que é produzido em quantidade e que é aperfeiçoado continuamente.

Aqueles que transacionam com o empreendedor, sejam consumidores, empregados ou investidores de risco, engajam-se em uma transação de *ganho mútuo*, trocando valor por valor. Do ponto de vista social, o comércio é um processo de negociação pacífica com os outros membros da sociedade de acordo com o mérito produtivo. Ele requer a proteção dos interesses das duas partes, o exercício da capacidade de negociação, a diplomacia e, quando necessário, a determinação que se alcance um resultado mutualmente benéfico.

Os empreendedores também adicionam valor por trazer *liderança* à troca. Os empreendedores estão criando algo novo, então, são os primeiros a trilhar esse novo caminho. Os pioneiros servem como um exemplo a ser seguido, e especialmente no caso de um novo produto ou serviço, devem mostrar aos novos consumidores o valor de um novo produto ou serviço e devem ensinar aos novos empregados como produzi-los. Consequentemente, os empreendedores devem mostrar liderança ao expor aos outros sua criação, encorajando-os por meio do processo de aprendizado e acompanhando-os no processo de divulgação. Parte da troca, nesse caso, é a apresentação de uma nova oportunidade ao consumidor e ao empregado, permitindo que se beneficiem dela. Por assim proceder, o empreendedor será recompensado.

Finalmente, o empreendedor experimenta o *sucesso* e o *prazer* do sucesso. O sucesso empresarial resulta em recompensas materiais e psicológicas – materiais, na forma de bens físicos que podem ser adquiridos e do sentimento de independência e segurança financeira que os acompanha. Psicológicos, no sentimento do autorrespeito e de dever cumprido oriundo da criação de um produto ou serviço.

Resumindo todos os pontos citados em uma tabela, obtemos o seguinte:

<i>Traços de sucesso empresarial</i>
Conhecimento e Criatividade
Ambição
Coragem
Iniciativa
Perseverança
Tentativa e erro
Produtividade
Troca de valor por valor
Liderança
Experimentar e desfrutar do sucesso

Implicações para a Educação

Agora, vamos tratar da educação. Se o empreendedorismo envolve o exercício bem sucedido de certos traços, qual é a sua origem? A educação formal pode instigar, desenvolver, ou, pelo menos, realçar esses traços nos estudantes mais jovens? Se considerarmos o empreendedorismo como um elemento fundacional para a educação, então, podemos ensinar exploração criativa, coragem, iniciativa e assim por diante?

Se analisarmos a educação tradicional atual, o que vemos? Não vemos muita singularidade, atividade ou experimentalismo. Em vez disso, vemos estudantes sentados em uma fila alinhada de carteiras. Os estudantes fazem o que o professor e a apostila dizem. *Todo o estudante faz a mesma coisa, ao mesmo tempo, da mesma forma, com os mesmos testes padronizados.* Isto é, nós vemos uniformidade, obediência, passividade e aprendizagem de máquina. Mesmo que esse estereótipo exiba alguma flexibilidade na prática, ele tem sido o modelo padrão para professores com turmas compostas por mais de 30 alunos, que seguem currículos padrões estabelecidos pelo governo. Assim, embora exista conhecimento útil no currículo, as lições essenciais aprendidas pelos estudantes são: *faça o que as autoridades disserem, faça o que todo mundo está fazendo e as respostas certas já estão pré-definidas e já são conhecidas.* (E nós às vezes nos perguntamos porque temos tantos estudantes desmotivados, dependentes e tímidos – ou estudantes que, por puro tédio e necessidade caótica de autoafirmação, se rebelam de formas destrutivas).

Se um objetivo explícito da educação é cultivar a mentalidade exploratória do empreendedorismo, então, como um primeiro passo, devemos considerar permitir aos estudantes sair de suas filas e interagir com materiais preparados por eles mesmos. Faço três sugestões nesse sentido.

1. Desenvolver exercícios formais, respeitando a idade dos alunos, sobre o desenvolvimento de traços empreendedores

Como educadores, preenchamos a tabela abaixo com exercícios apropriados para crianças de diferentes idades.

<i>Traços de sucesso empresarial</i>	<i>Exercícios Educacionais</i>
Conhecimento e Criatividade	
Ambição	

Coragem	
Iniciativa	
Perseverança	
Tentativa e erro	
Produtividade	
Troca de valor por valor	
Liderança	
Experimentar e desfrutar do sucesso	

Para citar mais um exemplo, vamos focar na coragem.

Coragem é a virtude de agir de acordo com a sua própria opinião, apesar do medo. O medo surge de várias formas – medo da dor, da desaprovação, do fracasso, de perder o grande amor ou dinheiro e assim por diante. A vida envolve muitos riscos - e o risco potencializa o fracasso - portanto, é importante possuir os recursos de caráter para ser capaz de lidar com o risco de forma a ser bem sucedido na vida. Uma conexão direta ao empreendedorismo é o que muitas pessoas não tentam por medo de fracassar.

Dessa forma, um elemento inserido na educação empreendedora é o desenvolvimento de exercícios formais que simulem o risco e ajudem a criança a aprender como administrá-lo.

Por exemplo, crianças pequenas aprendem habilidades que envolvem riscos *físicos*: descer uma ladeira, pular na piscina, andar de bicicleta. Essas e outras atividades podem ser formalmente identificadas e introduzidas nas escolas como exercícios. Elas também podem ser ampliadas de acordo com o aumento da idade e amadurecimento das habilidades e do caráter. Eventualmente, elas serão capazes de manusear produtos químicos, escalar paredões, praticar bungee-jumping e dirigir.

Outros riscos são mais *psicológicos*. Para crianças pequenas, podemos citar: cumprimentar e conversar com adultos que os pais convidaram para jantar, levantar a mão para fazer uma pergunta ao professor ou expressar uma opinião diferente daquela dos colegas. Novamente, exercícios para encorajá-los podem ser introduzidos nas escolas e ampliados com o amadurecimento dos filhos, de forma que, eventualmente, serão capazes de administrar as seguintes atividades: discursar

para uma grande audiência, pedir para sair com alguém, e argumentar de forma civilizada com seus professores sobre diferenças políticas e religiosas.

Cursos de teatro e oratória são ambientes naturais para alguns exercícios focados no desenvolvimento da coragem psicológica, assim como cursos de educação física são ambientes naturais para o desenvolvimento da coragem física. Logo, aprofundar de forma consciente e sistemática as atividades já apresentadas naqueles cursos, inserindo-as no currículo, é um bom ponto de partida.

E o que vale para o desenvolvimento da coragem também vale para o desenvolvimento da iniciativa, experimentalismo, perseverança e o resto dos traços de sucesso.

2. Conheça e aplique o método Montessori

Minha segunda sugestão é - se um professor ainda não estiver ciente disso - explorar o método Montessori de ensino. Maria Montessori abriu sua primeira escola em 1907 na cidade de Roma. Por quase um século, seu método se espalhou, em grande parte de forma natural, pelo mundo.

A literatura acadêmica está analisando os resultados do método Montessori de forma sistemática e se já se pronuncia de forma positiva sobre ele (por exemplo, Rathunde e Csikszentmihalyi, 2005 e Lillard 2007), mas, por agora, permitam-me citar somente dois indicadores.

Curiosamente, os defensores do método Montessori destacam que quatro dos maiores empreendedores de nossa geração – Larry Page e Sergey Brin da Google, Jeff Bezos da Amazon e Jimmy Wales da Wikipedia – foram educados por esse método (Brin e Page, 2004).

Formalmente, Hal Gregersen apresenta uma estatística surpreendente sobre o grande número de empreendedores inovadores que foram educados no método Montessori. Depois de entrevistar um grande número deles, identificar suas características comuns e investigar como se tornaram inovadores, Gregersen informa: “É fascinante quando entrevistamos esses empreendedores famosos e percebemos que cresceram em famílias nas quais adultos prestavam atenção a essas habilidades inovadoras. Com frequência, esses adultos eram pais e avós, mas em cerca de *1/3 dos casos*, eles eram professores mestres no método Montessori ou escolas que seguiam esse método” (Gregersen 2011, *itálico nosso*).

3. Conheça e utilize materiais da Network for Teaching Entrepreneurship e do Junior Achievement

A terceira opção é incorporar métodos de programas educacionais complementares que ligam a educação formal à preparação para o empreendedorismo. Dois exemplos são a Network for Teaching Entrepreneurship (NFTE) ou Junior Achievement (JA). Ambas possuem capítulos nos Estados Unidos e em muitos outros países.

Os métodos que essas organizações utilizam podem ser aplicados a todas as crianças, mas geralmente a NFTE e o JA trabalham com estudantes de escolas em dificuldades, talvez porque os diretores de tais escolas estejam mais desesperados e mais dispostos a experimentar novas abordagens.

Steve Mariotti (2009), fundador da NFTE, iniciou sua carreira como professor em uma das piores escolas públicas da cidade de Nova Iorque. Sua primeira estratégia foi utilizar os métodos tradicionais, contudo, percebeu que eram ineficientes para o ensino dos estudantes. Com o passar do tempo, percebeu que as crianças, especialmente as mais pobres, eram fascinadas por dinheiro, mas não sabiam nada sobre ele e nem como obtê-lo. Então, utilizando sua experiência empresarial, Mariotti mudou seu método e começou a ensinar seus alunos como iniciarem seus próprios negócios. A atitude dos estudantes com relação a ele e aos seus estudos mudou drasticamente. O desejo pelo lucro foi despertado, e os estudantes começaram a ver nisto o potencial de independência e de uma vida melhor. Pensar sobre negócios os levou a compreender a necessidade de outras habilidades – leitura, escrita, matemática, organização e sociabilidade – além de servir como motivação para lerem mais livros, e prestar atenção aos professores de matemática, redação e computação. Estudantes dos programas do Junior Achievement alcançaram resultados similares (veja, por exemplo, Marty 2011).

História real: bicicletas sujas e pais presentes

Nos comentários acima, foquei na educação formal e nas razões que justificam o aumento da participação do ensino do empreendedorismo nas escolas. Eu gostaria de concluir, todavia, destacando o papel fundamental que os pais têm na educação de seus filhos através de um exemplo, de cunho motivacional, de minha própria vizinhança. Acredito que essa história captura a essência da educação.

Voltando do trabalho, passava diariamente por um terreno baldio onde crianças (com suas bicicletas) tinham criado pistas com obstáculos. Com o passar do tempo, os esforços das crianças tinham se tornado mais elaborados: tinham construído rampas toscas de madeira (provavelmente surrupiadadas de algum canteiro de obras), cavado pequenos buracos, enchendo-os de água, além de aumentar o tamanho de sua “pista”. Eu confesso ter ficado com inveja frente a tanta diversão – sendo um homem de meia idade, que gostaria de voltar a ser criança para saltar as rampas e os outros obstáculos.

Mas o que realmente chamou a minha atenção foi uma tarde quando havia uma atividade muito maior no lugar. Os pais tinham começado a se envolver. Então parei meu carro e resolvi verificar. As rampas eram agora mais resistentes e seguras, e a atividade estava organizada. As crianças e suas bicicletas foram alinhadas ao final da pista e cada um fazia o percurso da forma mais rápida possível.

E não era só isso. Um dos pais tinha um radar de velocidade que media qual a velocidade de cada criança quando chegava à rampa. Outro pai, trabalhando com um dos garotos, media a distância de cada salto e anotava em um caderno. Agora, todas as crianças estavam usando capacetes. Cada criança queria saber qual distância que tinha saltado e como melhorar no próximo salto. Enquanto esperavam, as crianças discutiam qual era a melhor pressão para os pneus, a velocidade que deveriam alcançar e o ângulo do salto na rampa, a lubrificação das correias de suas bicicletas e assim por diante.

A importância da educação empreendedora é que, primeiro, as crianças demonstraram iniciativa e buscaram seus interesses. Os adultos se envolveram e, ao mesmo tempo, encorajaram a iniciativa e tornaram possível uma atividade mais organizada. As crianças estavam aprendendo matemática e engenharia, cooperação e competição, sendo criativas e se exercitando – e estavam se divertindo muito mais com seus pais.

Essa é somente uma história, embora aponte o caminho a ser seguido pelos educadores empresariais. O que algumas crianças e seus pais podem fazer com um terreno baldio e um pouco de criatividade – nós, educadores profissionais, com nosso treinamento e recursos, deveríamos ser capazes de fazer muito melhor.

Referências Bibliográficas

- Brin, Sergei and Page, Larry. 2004. "Google Founders Talk Montessori."
https://www.youtube.com/watch?v=0C_DQxpX-Kw.
- Gregersen, Hal. 2011. *The Innovator's DNA*. Harvard Business Review Press.
- Hicks, Stephen. 2009. "What Business Ethics Can Learn from Entrepreneurship."
Journal of Private Enterprise, 24(2), 49-57.
- Jobs, Steve. 2005. "Commencement Address." Stanford University.
<http://news.stanford.edu/news/2005/june15/jobs-061505.html>.
- Kirzner, Israel. 1973. *Competition and Entrepreneurship*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kling, Arnold, and Schulz, Nick. 2011. *Invisible Wealth: The Hidden Story of How Markets Work*. Encounter Books.
- Lillard, Angeline. 2007. *Montessori: The Science behind the Genius*. Oxford University Press.
- Marty, Eduardo. 2009. "Entrepreneurship in Argentina." *Kaizen* 15.
<http://www.ethicsandentrepreneurship.org/20110221/interview-with-eduardo-marty/>.
- Mariotti, Steve. 2009. "Entrepreneurship and Education." *Kaizen* 9.
<http://www.ethicsandentrepreneurship.org/20091005/interview-with-steve-mariotti/>.
- Petrelli, Michael J. 2012 (February 23). "Memo to the world: America's secret sauce isn't made in our classrooms." <http://edexcellence.net/commentary/education-gadfly-daily/flypaper/2012/memo-to-the-world-americas-secret-sauce-isnt-made-in-our-classroom.html>.
- Rathunde, Kevin and Csikszentmihalyi, Mihaly. 2005. "Middle School Students' Motivation and Quality of Experience: A Comparison of Montessori and Traditional School Environments." *American Journal of Education* 111, 341-371.
- Rogers, Steven. 2002. *The Entrepreneur's Guide to Finance and Business*. McGraw Hill.
- Schumpeter, Joseph. 1950. *Capitalism, Socialism and Democracy*. 3rd ed. New York: Harper & Brothers. See especially Chapter VII. 1950
- Seligman, Martin E.P. 2012. *Flourish: A Visionary New Understanding of Happiness and Well-being*. Atria Books.